



## VOZES DO ESPECTRO: DOCUMENTÁRIO SOBRE IDENTIFICAÇÃO E SATISFAÇÃO DE AUTISTAS COM A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA SÉRIE *ATYPICAL*

Helen Marinho Rodrigues Ribeiro<sup>58</sup> - Universidade de Brasília (UnB)

### Resumo

Esta pesquisa teve como intuito verificar, por meio do registro audiovisual, como um grupo de pessoas autistas percebe a representação do autismo na série *Atypical*, do serviço de streaming Netflix. A verificação foi feita com a produção de um documentário, no qual foram reunidos os depoimentos de entrevistados e entrevistadas, e teve como foco os sentimentos de identificação e satisfação com a representação. A escolha pelo documentário deve-se à intenção de se reforçar o papel desse gênero como ferramenta de mobilização social. A razão para a escolha de *Atypical* reside na constatação de que, embora as três primeiras temporadas tenham uma média de aprovação de 66% a 87% por parte da crítica especializada e do público, baseando-se em agregadores de críticas de cinema e televisão, ainda assim houve espaço para apontamentos, feitos por pessoas no espectro autista, a respeito de uma representação imprecisa e, em alguns casos, estereotipada da condição. A metodologia envolveu pesquisa documental, revisão bibliográfica, pré-produção, produção e pós-produção. O documentário possibilitou um aprofundamento nos principais aspectos da representação autista em *Atypical* que suscitaram identificação no grupo entrevistado. Esses aspectos foram: crises autistas do protagonista; não entendimento de palavras, expressões, ironias, sarcasmo e brincadeiras; *stims*; dificuldades para socializar/fazer amizades, com o adendo da questão do *masking*; preferência por assuntos do próprio gosto; hipersensibilidades auditiva e visual; expectativa de que algo vá dar errado; padrões ritualizados de comportamento; e sofrimento de *bullying* no ambiente escolar. Quanto ao sentimento de satisfação com a representação autista na série, o resultado obtido foi heterogêneo. Essa heterogeneidade, já esperada devido à natureza qualitativa da obra, permitiu tanto apontamentos positivos, quanto comentários sobre estereótipos, exageros, dramatização na representação e a necessidade de uma abordagem um pouco mais diversa do espectro, incluindo a manifestação diferenciada dele em mulheres.

**Palavras-chave:** Representação. Autismo. *Atypical*. Documentário.

### Abstract

This research intended to verify, through an audiovisual recording, how a group of autistic people perceives the depiction of autism in the Netflix streaming television series *Atypical*. This verification was made through the production of a documentary film, reuniting the accounts told by the participants, focusing on the feelings of identification and satisfaction with the depiction of autism in the series. The genre “documentary” was selected considering our intention of reinforcing the role of this genre of film as a tool of social mobilization. The series *Atypical* was selected based on the fact that, despite its average positive rating of 66% to 87% for the first three seasons, from specialized critics and the main public, based on data from review aggregators, there were still remarks, from people in the spectrum, pointing the imprecise and, in some cases, stereotypical representation of autism. Our methodology consisted of documentary research, literature review, pre-production, production, and post-production of the documentary. The documentary allowed a deeper look at the main aspects of the autistic representation in the series that evoked identification in the interviewed group. Those aspects were: autistics meltdowns experienced by the protagonist; misunderstanding of words, idioms, ironies, sarcasm, and jokes; *stims*; struggles to socialize/build friendships, with the additional issue of *masking*; preference for subjects within their zone of interest; auditory and visual hypersensitivity; expectation that something will go wrong; ritualized patterns of behavior; and being the victim of *bullying* in school.

<sup>58</sup>Graduanda em Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [contatohelenmarinho@gmail.com](mailto:contatohelenmarinho@gmail.com).



On the overall satisfaction with the representation of autism in the series, the final results were heterogeneous. This heterogeneity, previously anticipated due to the qualitative nature of this work, allowed room for positive reviews alongside other remarks on stereotypes, exaggerations, dramatizations, and the need for a slightly more diverse depiction of the spectrum, including its different manifestation in women.

**Keywords:** Representation. Autism. *Atypical*. Documentary film.

## Introdução

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), estima-se que uma em cada 160 crianças tenha o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual apresenta como características principais "algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva" (OPAS/OMS Brasil, 2017).

O TEA tem a gravidade variada entre os níveis um, dois e três – referentes à quantidade de apoio que a pessoa no espectro necessita –, com o primeiro nível abrangendo quem exige apoio; o segundo, quem exige apoio substancial; e o terceiro, quem exige apoio muito substancial (American Psychological Association – APA, 2014, p.52). A pessoa classificada como estando no espectro pode apresentar sinais da condição desde a infância, sinais estes que tendem a persistir na adolescência e idade adulta e podem limitar a realização de atividades diárias e sua participação na sociedade (OPAS/OMS Brasil, 2017).

Lançada em 2017 pelo serviço de *streaming Netflix*, a série norte-americana *Atypical* traz como protagonista Sam Gardner, um adolescente de 18 anos diagnosticado com TEA, e retrata, em uma mistura dos gêneros drama e comédia, as dinâmicas familiar, escolar, amorosa e profissional do personagem, e a forma como elas são impactadas pelas características de seu diagnóstico.

Apesar de figurar nas listas de séries mais “maratonadas” no Brasil, segundo dados de 2019 (AROUCA, 2019) divulgados por uma parceria entre o sítio eletrônico “Série Maníacos” e o serviço *on-line TV Time*, e das três primeiras temporadas terem tido uma recepção majoritariamente positiva por parte da crítica especializada – a média de aprovação da série variou entre 66% a 87%, com base em agregadores de críticas de cinema e de televisão, como o *Metacritic*<sup>59</sup> e o *Rotten Tomatoes*<sup>60</sup> –, houve espaço, ainda no ano de 2017, para críticas (MOSS, 2017) provenientes de pessoas no espectro autista a respeito de uma representação

---

<sup>59</sup> Metacritic é um website americano que agrega críticas de músicas, videogames, televisão e filmes.

<sup>60</sup> Rotten Tomatoes é um website americano, tido como principal agregador de críticas de cinema e televisão na atualidade.



imprecisa e, em alguns casos, estereotipada do TEA, e de uma carência de atrizes e atores autistas no elenco, esta última impulsionando mudanças na segunda temporada.

Este cenário instiga uma reflexão a respeito da identificação e da satisfação das pessoas diagnosticadas com TEA com a abordagem encontrada em *Atypical* e a necessidade de dar mais voz a seus posicionamentos em meio aos do grande público e da crítica especializada não inclusiva.

A presente pesquisa buscou, assim, por meio da coleta audiovisual de depoimentos, identificar os principais aspectos da representação autista na série *Atypical* que tendem a suscitar sentimentos de identificação em um grupo de pessoas com TEA, verificar se a representação autista na série é considerada satisfatória para estas pessoas e produzir um documentário, de forma a contribuir com a repercussão de suas vozes quanto ao tema.

## 1. Justificativa

Surgiu a partir da necessidade da pesquisadora em ter um contato direto com um objeto de natureza similar a um repositório audiovisual de opiniões, críticas e potenciais dicas de aprimoramento distintas sobre a representação autista em *Atypical*. Para tanto, o referido objeto teve como foco os sentimentos de identificação e satisfação advindos de pessoas que, do seu ponto de vista, teriam mais lugar de fala ao abordar o tema – no caso, pessoas autistas.

Isto se deu porque durante pesquisas prévias sobre a recepção da série pela crítica especializada e pelo grande público, utilizando motores de busca como o *Google*, a autora notou que um esclarecimento sobre o fato de uma crítica ser redigida ou não por alguém com TEA nem sempre se fez presente nos textos, o que, por sua vez, instigou uma curiosidade a respeito da receptividade da série por parte de tal parcela da população.

Quando em contato com críticas feitas por pessoas no espectro autista, notou-se que, embora alguns aspectos da representação na série fossem vistos como positivos, havia espaço para apontamentos sobre imprecisão e, em alguns casos, estereotipagem. Tais reflexões conduziram à ideia de aprofundar um pouco mais nos principais aspectos do autismo retratados na série que teriam potencial para suscitar identificação entre autistas – o que pôde ser verificado através de entrevistas com um grupo de pessoas no espectro –, de forma a investigar também se a representação autista em *Atypical* era considerada satisfatória por essas pessoas.

A escolha pelo formato documentário deveu-se à intenção de reforçar o papel desse tipo de narrativa como ferramenta de mobilização social. Papel este discutido por Zandonade e Fagundes (2003) em sua obra *O vídeo documentário como instrumento de mobilização social*,



na qual afirmam que o formato tem definições variadas nos aspectos de gêneros e tipos, mas tem função bem delimitada:

[...] a função do documentário é reconhecida com unanimidade pelos documentaristas que acreditam no objetivo de estabelecer um elo de ligação entre os receptores da mensagem transmitida e o realizador da obra, de forma a permitir uma empatia capaz de proporcionar uma reflexão sobre os fatos cotidianos que lhes cercam. (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p.16)

De acordo com as mesmas autoras, tal percepção pode ser ainda complementada pela de Penafria (2001), segundo a qual a função principal do gênero documentário é:

incentivar o diálogo sobre diferentes experiências, sentidas com maior ou menor intensidade. Apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não vêem ou lhes escapa. (PENAFRIA, 2001, p. 5, apud FAGUNDES; ZANDONADE, 2003, p. 16-17)

Assim – e considerando que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) implica características que poderiam ser interpretadas como "dificuldades ou condicionalismo diversos" relacionadas, principalmente, à participação social, realização de ações diárias e ao desenvolvimento de independência por aqueles que se encontram no espectro (OPAS/OMS Brasil, 2017) –, o documentário também poderia vir a servir como "ponte" para melhor compreensão de algumas das principais características do TEA e gerar empatia entre mundos que pouco, ou com dificuldade, dialogam; no caso, pessoas que estão no espectro autista e aqueles e aquelas que se encontram fora dele.

## 2. Metodologia

### 2.1. Pesquisa Documental

Baseou-se, em um primeiro momento, em consulta ao site da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), o que forneceu dados oficiais a respeito da estimativa numérica de pessoas que possuem TEA, das principais características do transtorno e suas implicações na vida social. Foram realizadas a busca e a leitura de críticas feitas por espectadores dentro do espectro a respeito da representação autista em *Atypical*. Houve, ainda, o contato com o relato em vídeo publicado pelo *youtuber* Willian Chimura, que se apresenta como um autista de nível um de suporte, em seu canal no *Youtube*. No vídeo, Willian aborda diretamente os aspectos que o fazem sentir identificação com o protagonista da série.

Os dados a respeito da posição de *Atypical* em rankings anuais de séries mais maratonadas no Brasil e sua recepção pela crítica especializada foram obtidos por meio de sites



de entretenimento, como o *Série Maníacos*, e agregadores de críticas, como os já mencionados *Metacritic* e *Rotten Tomatoes*. Ademais, foram utilizadas informações oficiais, disponibilizadas pelo serviço de *streaming Netflix*, sobre a série.

## 2.2. Revisão Bibliográfica

Iniciou em março de 2020, período em que foi decretado o estado de calamidade pública no Distrito Federal (DF) em razão da pandemia de Covid-19. Entre as consequências da pandemia, houve a suspensão das aulas presenciais na Universidade de Brasília (UnB) e a adoção do formato remoto de acompanhamento e orientação do projeto de pesquisa por parte da professora Dione Oliveira Moura (orientadora). A doutoranda em Ensino Orientado Ana Maria Teles, da disciplina Pré-Projeto em Jornalismo, também acompanhou o desenvolvimento do projeto.

## 2.3. Pré-produção

A *Pré-produção* consistiu em listagem das principais fontes dispostas a serem entrevistadas; elaboração das perguntas para o pré-teste da pesquisa e as entrevistas gravadas em vídeo; realização do pré-teste; definição da forma (presencial ou remota) de gravação do documentário, considerando os cuidados necessários diante do cenário da pandemia; escrita do roteiro; e criação do cronograma de gravação. O Pré-teste ocorreu em dezembro de 2020 com a psicóloga Josiane Soares, que se encontra no espectro autista e tem 24 anos. A ela foi enviada uma série de 11 questionamentos a respeito da satisfação e da identificação com a representação autista em *Atypical*. As respostas foram registradas por meio do aplicativo de gerenciamento de pesquisas *Google Forms*.

## 2.4. Produção

Ocorreu de forma remota, definida como a mais apropriada para realização das entrevistas devido ao cenário da pandemia de Covid-19 e, conseqüentemente, dos justificáveis receios dos entrevistados e das entrevistadas em realizar uma entrevista presencial, mesmo adotando os devidos cuidados, como o distanciamento físico seguro da entrevistadora, máscaras e uso de álcool em gel, além da problemática de grande parte dos contatados e contatadas não residir no Distrito Federal (região de residência da pesquisadora).

Sendo assim, foi utilizado o aplicativo para videoconferências *Zoom*, considerando a familiaridade da realizadora com a ferramenta e a preferência de uma das entrevistadas. A





produção do documentário foi centrada no método de pesquisa de levantamento, com seis pessoas com TEA: Josiane Soares, de 24 anos; Priscila Jaeger, de 25 anos; Polyana Sá, de 19 anos; Annibal Franco, de 35 anos; Pedro Lucas Ribeiro, de 17 anos; e Gustavo Ferreira, de 28 anos. Os participantes foram submetidos a uma entrevista semiestruturada, ou seja, uma série de questionamentos pré-estabelecidos, mas não inflexíveis. A coleta de depoimentos envolveu, em um segundo momento, entrevistas com outra psicóloga (Maria Matilde Santos), que, assim como Josiane Soares, também se encontra no espectro autista. Os questionamentos presentes na entrevista com a segunda psicóloga foram realizados visando à obtenção de uma perspectiva de cunho mais profissional sobre algumas das principais características do TEA; porém, tiveram um espaço menor no produto comunicacional em questão.

Vale ressaltar que, a princípio, os questionamentos voltados aos outros entrevistados e entrevistadas abarcariam todas as dinâmicas da vida do protagonista da série. No entanto, em consonância com os objetivos específicos da pesquisa, a realizadora priorizou perguntas que buscavam identificar os principais aspectos que suscitaram identificação com a representação autista em *Atypical*, verificar a satisfação com a última, e promover uma maior familiarização dos espectadores e espectadoras com algumas das características do espectro.

#### 2.4.1. Entrevistas

Começaram tendo como primeira entrevistada a psicóloga e ativista autista Josiane Soares. Soares já estava familiarizada com a dinâmica da entrevista devido à sua participação no pré-teste, e foi a responsável pela indicação do contato e da proposta de pesquisa da realizadora aos outros entrevistados que demonstraram interesse em participar. Embora os assuntos abordados na entrevista com Soares tenham sido relevantes, constatou-se a impossibilidade de utilização do material gravado devido à baixa qualidade de imagem e luz em cena, em razão da instabilidade da conexão da internet na chamada de vídeo. No entanto, a participante seguiu promovendo uma "ponte" entre a pesquisadora e os potenciais entrevistados e entrevistadas, portanto tendo um papel essencial na concretização da pesquisa.

A segunda entrevistada foi a também ativista autista Priscila Jaeger, de 25 anos (Fig. 1). Colega de Soares e licenciada em Filosofia, Jaeger possui um perfil (@*elaesquizoafetiva*) na rede social *on-line Instagram*, para conscientização quanto à saúde mental. A terceira entrevistada foi Polyana Sá (Fig. 2). Também indicação de Soares, Sá tem 19 anos, é graduanda em Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia, ativista autista e dona de um perfil (@*heyautista*) com conteúdo sobre autismo na mesma rede social *on-line* do perfil de Priscila.



Figura 1 – Priscila Jaeger

Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"



Figura 2 – Polyana Sá

Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"

A quarta entrevista foi feita com o educador especial Annibal Franco, de 35 anos (Fig. 3). Outra indicação de Soares, Franco também exibe postagens de natureza ativista autista em seu *Instagram*, apesar de seu perfil não aparentar ser voltado somente para este tema. Ao fim de sua entrevista, ele indicou outro contato como potencial fonte: seu ex-aluno, Pedro Lucas Ribeiro, de 17 anos (Fig. 4). Por meio de Franco, Ribeiro havia demonstrado interesse em participar da pesquisa, tendo sido, então, contactado e entrevistado pela pesquisadora. O sexto

entrevistado foi outro colega de Soares: o desenvolvedor *web* Gustavo Ferreira, de 28 anos (Fig. 5).

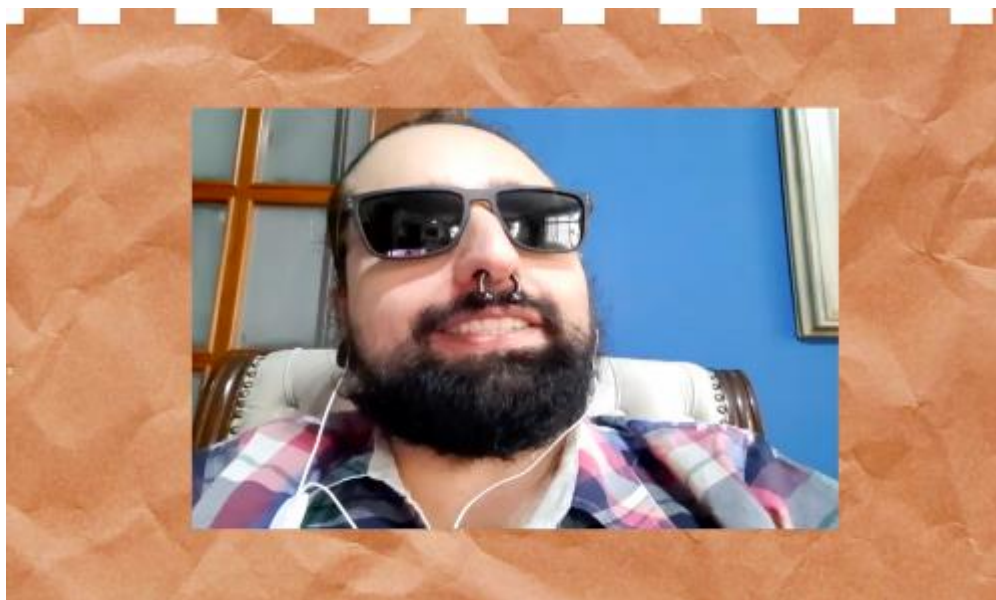


Figura 3 – Annibal Franco

Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"



Figura 4 – Pedro Lucas Ribeiro

Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"

Foram realizadas, ainda, entrevistas com a psicóloga Maria Matilde Santos, de 40 anos (Fig. 6), que também se encontra no espectro autista e foi indicada por Soares. Na entrevista com Santos, foram abordadas as definições de termos como *stims* (formas expressivas do corpo manifestar uma tentativa de equilíbrio, segundo a psicóloga), ecolalia (*stim* verbalizado; repetição de sons, também conforme explicação de Santos), hiperfocos (interesses restritos e





repetitivos) e *masking* (tentativa de encaixe social ou de resistência às pressões sociais de ser uma pessoa atípica, de acordo com a psicóloga) – tópicos comuns à comunidade autista e trazidos à tona nos outros depoimentos.



Figura 5 – Gustavo Ferreira  
Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"



Figura 6 – Maria Matilde Santos  
Fonte: *Print screen* do documentário "Vozes do Espectro"

Nas entrevistas com o sexteto (Soares, Jaeger, Sá, Franco, Ribeiro e Ferreira) prevaleceram perguntas sobre o que significa ser autista, visando a uma perspectiva mais intimista e menos técnica do TEA; sobre a identificação ou não com a demonstração dos



interesses restritos e repetitivos do Sam na série; sobre os principais pontos de identificação com a representação autista em *Atypical*; e sobre a satisfação ou não com a última.

### 2.5. Pós-produção

A *Pós-produção* consistiu na edição do documentário e disponibilização do conteúdo na plataforma de compartilhamento de vídeos *Youtube*.

### Resultados e considerações finais

A produção do documentário pôde proporcionar a verificação, no formato audiovisual e com foco nos sentimentos de identificação e satisfação, da percepção do supracitado grupo de pessoas autistas quanto à representação do TEA na série. A narrativa escolhida permitiu um aprofundamento nos principais aspectos da representação autista em *Atypical* que suscitaram sentimentos de identificação nos entrevistados e nas entrevistadas, sendo: crises autistas do protagonista; não entendimento de palavras, expressões, ironias, sarcasmo e brincadeiras; *stims*; dificuldades para socializar/fazer amizades, com o adendo da questão do *masking*, que foi apontado pela entrevistada Sá como muito recorrente na comunidade autista; preferência por assuntos do próprio gosto; hipersensibilidades auditiva e visual; expectativa de que algo vá dar errado; padrões ritualizados de comportamento; e sofrimento de *bullying* no ambiente escolar.

O sentimento de satisfação dos entrevistados quanto à representação do autismo na série também foi explorado, tendo como consequência um resultado heterogêneo, já esperado devido à natureza qualitativa da obra, que deu margem tanto para apontamentos positivos quanto para comentários sobre estereótipos, exageros, dramatização na representação e a necessidade de uma abordagem um pouco mais diversa do espectro nas telas, com a última incluindo a manifestação diferenciada do TEA em mulheres — conforme alegado pela entrevistada Sá.

Nas entrevistas, o grupo não hesitou em elucidar as principais razões para os seus posicionamentos. Os resultados de todo esse processo têm o potencial de contribuir para o direcionamento da atenção dos espectadores e das espectadoras do documentário aos supracitados comentários, os quais, de certa forma, também ajudam a reforçar a necessidade de análises como a realizada por Prochnow (2014) sobre a representação do autismo na mídia. A título de esclarecimento, a mencionada autora afirma que o cinema e a televisão estão limitados no que escolhem ilustrar e destacar sobre o TEA em suas programações, exibindo poucos



aspectos do autismo para serem considerados representativos, o que vai ao encontro do exposto pelos entrevistados Ferreira, Jaeger e Sá em seus depoimentos.

Tanto Ferreira quanto Jaeger afirmaram que há um exagero presente em *Atypical*, apesar da última ter declarado que, na sua concepção, a representação autista ainda assim é satisfatória, por apresentar as dificuldades do protagonista e não romantizar o autismo. Já Ferreira, além de relatar ter um problema com o exagero da série, afirma que há uma abordagem dramática dos hiperfocos do protagonista, a qual não reflete tanto a realidade, e um estereótipo do autista, ainda que o entrevistado compreenda este último como necessário para que as pessoas fora da comunidade autista entendam o que é o TEA. A entrevistada Sá afirma que a série possui alguns erros de narrativa que fazem com que o roteiro não contemple exatamente o que é o espectro e mostre que as pessoas são diversas. Ela chama a atenção para a perspectiva de que as representações midiáticas podem influenciar na percepção do TEA para quem está fora da comunidade autista, ao ressaltar que, para quem só tem *Atypical* como referência, ela mesma poderia acabar sendo vista não como uma pessoa autista, mas sim alguém que somente está "fazendo drama". Tal posicionamento coincide com o que Nordahl-Hansen, Tøndevold e Fletcher-Watson (2017) já haviam apontado na obra *Saúde mental na tela: uma dissecção do DSM-5 de retratos dos transtornos do espectro do autismo em filmes e TV*, na qual é ressaltado que "as pessoas podem confiar nas representações da mídia para entender como a experiência se relaciona com a ampla gama de apresentações, contribuindo para as atitudes estereotipadas que prevalecem" (DRAAISMA, 2009; GARNER, 2014; *apud* NORDAHL-HANSEN; TØNDEVOLD; FLETCHER-WATSON, 2017, p.1).

No mais, as acepções de identificação e satisfação, consideradas de forma adaptada pela realizadora, mostraram-se apropriadas e frutíferas no decorrer da realização das entrevistas para o documentário, ainda que os resultados relacionados, conforme já mencionado, tenham sido heterogêneos. Possibilidades de exploração e ampliação posteriores, no mesmo formato, dos resultados da presente produção talvez possam aprofundar-se em tópicos como os exageros, estereótipos, a dramatização excessiva e a diversidade na representação autista em telas de televisão e cinema. Do mesmo modo, talvez possam dispor de um número maior de realizadores e/ou realizadoras, entrevistados e entrevistadas, e/ou um método de pesquisa quantitativo.

Por fim, é relevante ressaltar que o presente documentário não buscou constituir uma obra com vozes representativas de todas as pessoas que estão no espectro autista, pois isso seria impossível. Mas sim buscou reunir e expor as vozes distintas presentes em um determinado



grupo quanto à representação autista na série *Atypical*, com foco nos sentimentos de identificação e satisfação, contribuindo para repercuti-las.

### Referências

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA) et al. *DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Artmed Editora 2014.

AROUCA, Michel. As séries mais maratonadas por brasileiros, segundo o Tv Time (09 Dez – 16 Dez). 16 dez. 2019. *Portal Série Maníacos*. Disponível em: <<https://bit.ly/34WBdlh>> Acesso em: 13 mar. 2020.

HUGAR, John. The more *Atypical* tries to get autism “right,” the more things go wrong. 8 nov. 2017, *The A.V. Club*. Disponível em: <<https://bit.ly/32asukK>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

METACRITIC (comp.). *Atypical (TV)*. 2020. Agregador de críticas. Disponível em: <https://www.metacritic.com/tv/atypical>. Acesso em: 13 mar. 2020.

MOSS, Haley. My Autistic Opinion of Netflix's 'Atypical', *The Mighty*, 12 ago. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3GGJ2Qh>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

NORDAHL-HANSEN, Anders; TØNDEVOLD, Magnus; FLETCHER-WATSON, Sue. Mental health on screen: A DSM-5 dissection of portrayals of autism spectrum disorders in film and TV, *Psychiatry research*, vol. 262, p. 351-353, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3nzoth5>>. Acesso em: 1 set. 2020.

PROCHNOW, Alexandria. An analysis of autism through media representation, *ETC.: A Review of General Semantics*, v. 71, n. 2, 2014, p. 133-149. Disponível em: <https://bit.ly/3qH9vb8>. Acesso em: 1 set. 2020.

ROTTEN TOMATOES (comp.). *Atypical (2007-)*. 2020. Agregador de críticas. Disponível em: <<https://www.rottentomatoes.com/tv/atypical>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

TRANSTORNO do Espectro Autista. *OPAS/OMS Brasil*, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3AdAz4A>. Acesso em: 13 mar. 2020.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. *O vídeo documentário como instrumento de mobilização social*. Assis, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3Abv9al>. Acesso em: 4 abr. 2020.

### Referências filmográficas

*ATYPICAL*. Produção de Jennifer Jason Leigh. Distribuição: Netflix; Sony Pictures Television. Roteiro: Robia Rashid. Los Angeles, California. Produção: Exhibit A Weird Brain; Inc. Sony Pictures Television, 2017-2021. Son., color. Legendado.

*UMA ANÁLISE AUTISTA sobre Atypical*. Roteiro e realização: Willian Chimura. [S. l.: s. n.], 2019, 1 vídeo (5m49s). Publicado pelo canal Willian Chimura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pz0IOmzu6fs>. Acesso em: 20 nov. 2019.